

PRÁTICAS DE LEXICOGRAFIA CRÍTICA NA SALA DE AULA

Sheila ELIAS DE OLIVEIRA¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i3.3575>

Resumo: Este artigo discute o papel formador de projetos de dicionários realizados em sala de aula durante a pandemia de covid-19, inscritos no que a autora denomina “lexicografia crítica”. A discussão é guiada por uma concepção de linguagem filiada ao materialismo histórico, na qual se assume a indissociabilidade entre linguagem, subjetividade e sociedade. Ancorada nessa concepção, a autora defende que o exercício da lexicografia crítica por linguistas e professores de língua em formação pode possibilitar ou mesmo fomentar uma leitura ativa dos dicionários, uma escrita autoral e uma reflexão sobre a inscrição material da subjetividade na língua.

Palavras-chave: Lexicografia crítica. Espaço de enunciação. Autoria. Subjetividade. Sociedade. Ensino.

¹ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; sheilael@unicamp.br; <https://orcid.org/0000-0002-8928-8981>

CRITICAL LEXICOGRAPHY PRACTICES IN THE CLASSROOM

Abstract: This article discusses the formative role of dictionary projects carried out in the classroom during the covid-19 pandemic, inscribed in what the author calls “critical lexicography”. The discussion is guided by a conception of language affiliated with historical materialism, in which the inseparability between language, subjectivity and society is assumed. Anchored in this conception, the author argues that the exercise of critical lexicography by linguists and language teachers in professional formation can enable or even encourage active reading of dictionaries, authorial writing, and reflection on the material inscription of subjectivity in language.

Keywords: Critical lexicography. Space of enunciation. Authorship. Subjectivity. Society. Teaching.

Movimentos na prática de ensino

Há alguns anos, nas disciplinas de Lexicologia e Lexicografia ministradas para os cursos de Licenciatura em Letras e Bacharelado em Linguística na Unicamp, tenho proposto aos alunos a realização de projetos lexicográficos. *O Micro-dicionário de Gírias que Circulam no IEL*² foi o primeiro projeto em 2013, e ao longo de vários semestres deu visibilidade ao dinamismo do léxico, ao modo como as gírias (re)significam as relações humanas e ao seu movimento na internet e nas redes sociais, onde os alunos-lexicógrafos, nos diferentes projetos, recolhem exemplos de uso para elaborar o corpo dos verbetes. As gírias, cujos exemplos eram encontrados na internet, eram usadas pelos alunos lexicógrafos que as haviam escolhido.

Em 2017, com o crescimento ostensivo da censura nos debates públicos em nosso país³, a proposta foi o *Dicionário de Interdições: Linguagem, Poder, Censura*, que registrou modos diversos de interdição identificados na internet e nas redes sociais, permitindo o debate sobre o autoritarismo e sua inscrição em práticas de linguagem.

2 Este nome é uma brincadeira: “micro-dicionário” para indicar a dimensão potencial de um dicionário de gírias; “que circulam no IEL” porque as entradas são escolhas dos alunos do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), escolhas estas que, na maioria, fazem parte do seu vocabulário ativo.

3 Um exemplo de censura ostensiva, orquestrada por políticos de direita e de extrema direita, é o projeto de lei *Escola sem Partido*, estrategicamente dividido em votações municipais. A proposta é estabelecer os deveres e direitos dos professores em sala de aula, alegadamente para evitar a “doutrinação nas escolas e universidades”, mas, de fato, para tolher o debate crítico e impedir tomadas de posição de esquerda por parte dos docentes e, por extensão, dos alunos. O projeto tem um *site* com a descrição do programa e atualizações: <http://escolasempartido.org/>; consulta em 22/07/23. Para compreender a polêmica, ver a discussão em: <https://www.politize.com.br/escola-sem-partido-entenda-a-polemica>, publicado em 29/11/18 e atualizado em 27/06/23; consulta em 22/07/23.

Quando, no primeiro semestre de 2020, fomos surpreendidos no início de março pela pandemia de covid-19, na Unicamp passamos imediatamente ao ensino remoto. Vivemos, ao longo do semestre, o enfrentamento dos efeitos da pandemia na vida institucional, social e pessoal; decidi, então, propor um projeto lexicográfico que possibilitasse elaborar o momento e construir uma memória social de um tempo nunca antes vivido. Assim fizemos o *Dicionário Coronário: Linguagem em Quarentena*.

No segundo semestre, com o prolongamento da quarentena e a deterioração das condições sociais, tanto pelo crescimento da pandemia quanto pelas ações do governo negacionista de extrema-direita então no poder, a proposta foi o *Dicionário de Lexicotopia: um Projeto de Sociedade*. As entradas foram palavras nas quais os alunos lexicógrafos identificavam sentidos antidemocráticos e para as quais, a partir da contextualização desses sentidos em funcionamento, eles construíam novos verbetes “lexicotópicos” (inspirados no sonho utópico). Esse dicionário nos permitiu respirar e lembrar que podemos, coletivamente, promover mudanças.

No primeiro semestre de 2022, com o retorno ao ensino presencial – que até outubro se realizou com uso de máscaras, distanciamento de uma carteira entre os estudantes, janelas e portas abertas e um filtro de ar instalado nas salas – o momento, em suas contradições, foi vivido com alívio e alegria, especialmente pelos discentes. As turmas de Letras com as quais trabalhei, de terceiro semestre, estavam tendo a primeira vivência presencial na universidade.

A proposta foi, então, o *Dicionário dos Afetos*. A ideia era dar visibilidade à persistência dos afetos mesmo em tempos de violência verbal fomentada em discursos de ódio, *cyberbullying*, postagens de *haters* etc. Era também registrar, além dos nomes de afeto já estabilizados na língua, novos modos de nomear e de significar, como “poliamor”, “trisal”, “migas”, “migs”, “fam”. Esse projeto teve mais um volume no segundo semestre de 2022, quando o novo presidente eleito do país, em seu pronunciamento após a eleição, falou a palavra “amor” seis vezes, indicando a necessidade política de reverter a promoção da violência social fomentada pelo governo que saía⁴. Naquele momento, afetos em relações sociais mais amplas, como em “amor ao próximo”, “amor ao país” ou “amor à natureza” foi encorajado na escolha dos verbetes.

Os projetos de dicionários que proponho em sala de aula, particularmente os da quarentena, se incluem no que tenho chamado de *lexicografia crítica*. É sobre esse fazer lexicográfico e sua inserção no ensino que quero aqui refletir, buscando dar visibilidade ao

4 Disponível em: <https://lula.com.br/pronunciamento/>, em 30/10/22. Acesso em: 12 nov. 22.

- | Práticas de lexicografia crítica na sala de aula

modo como o trabalho crítico sobre o léxico e a lexicografia permite identificar a divisão política dos sentidos das palavras e sua inscrição nas relações sociais; permite também projetar uma leitura mais ativa dos dicionários pelos alunos. Na próxima seção, refletirei sobre o político como o próprio do dizer, o que me permitirá, na seção seguinte, discutir o que denomino *lexicografia crítica*. Em seguida, apresentarei um verbete do primeiro dicionário da quarentena: o *Dicionário Coronário: Linguagem em Quarentena*. Finalmente, pensarei efeitos possíveis dessas produções na formação dos alunos.

O político no funcionamento da linguagem

Sustentada em uma posição materialista, tomo a enunciação como prática política. A enunciação lexicográfica – ou seja, o fazer lexicográfico – não é diferente. O *político* (ou a *política*) não é tomado aqui como restrito às relações de governança pública, no sentido mais corriqueiro do senso comum; ele

[...] diz respeito às práticas sociais em geral, nas quais a linguagem é fundamental. [...] Fundado no conflito, o político é o que produz estabilidade, reforça discrepâncias e exclusões, mas também é o que permite o movimento, a inclusão e a produção de condições de igualdade, segundo o modo como se dá o embate das forças em jogo (Elias de Oliveira, 2014, p. 44-45).

Na Análise de Discurso materialista (AD), a exterioridade interdiscursiva está na base do político, compreendido como “o fato de que o sentido é sempre dividido, tendo uma direção que se especifica na história, pelo mecanismo ideológico de sua constituição” (Orlandi, 1996, p. 21-22)⁵. Na Semântica do Acontecimento, que estabelece um diálogo com a AD, as relações desiguais entre línguas e falantes são observadas nos *espaços de enunciação*, espaços políticos de funcionamento das línguas “que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços ‘habitados’ por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer” (Guimarães, 2002, p. 18-19).

O espaço de enunciação do Brasil é regulado pela língua portuguesa enquanto língua nacional e oficial. Os direitos ao dizer e aos modos de dizer no português do Brasil não são os mesmos para todos os falantes. Nesses espaços políticos de regulação de relações

5 Pêcheux (1975, p. 162) define o interdiscurso como o todo complexo com dominante das formações discursivas”. Uma formação discursiva (FD) é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...]” (*ibidem*, p. 160).

entre línguas e falantes, os dicionários tradicionais, sobretudo os dicionários gerais das línguas nacionais e oficiais, são legitimados como instrumentos de conhecimento e de normatividade, o que produz um efeito de verdade e de inquestionabilidade sobre a língua e sobre o mundo que ela significa⁶.

Em contraposição, os dicionários críticos convidam o leitor a tornar-se ativo, ao expô-lo à possibilidade de sentidos outros nas definições e a modos outros de definir lexicograficamente. Além disso, alguns propõem objetos temáticos não habituais para um dicionário, como a língua do “universo Gay” da *Aurélia*, que veremos adiante. Eles também podem ter lexicógrafos não reconhecidos como especialistas; no caso da *Aurélia*, os lexicógrafos se apresentam por pseudônimos; em outros casos, os próprios falantes são convidados a ser lexicógrafos⁷. O efeito de verdade e de inquestionabilidade se rompe⁸; a normatividade projetada sobre a língua é por eles questionada, assim como os modelos lexicográficos e de conhecimento. Por sua vez, a legitimação dos dicionários críticos como registros válidos da língua ou como instrumentos de conhecimento não é certa; requer uma tomada de posição.

Na próxima seção, uma apresentação da *Aurélia, a dicionária da língua afiada* dará visibilidade ao modo como a lexicografia crítica significa a divisão de sentidos na língua e na sociedade.

6 Num espaço de enunciação como o do Brasil, em que a língua nacional e oficial é a língua de colonização, as divisões nos direitos ao dizer e aos modos de dizer se complexificam, uma vez que a norma resiste à historicidade da língua no país colonizado; note-se que a maioria dos dicionários e gramáticas do século XX feitos no Brasil nem mesmo dizem que língua estão descrevendo. Entre os dicionários, o exemplo emblemático é o mais conhecido, que se tornou sinônimo de dicionário – o *Aurélio*; pelo menos até a segunda edição, de 1986, esse dicionário não diz se a língua descrita é do Brasil – ou tampouco de que Brasil – ou de Portugal, ou dos países ditos “lusófonos”.

7 É o caso, no Brasil, do *Dicionário inFormal* (www.dicionarioinformal.com.br) e nos Estados Unidos, em Nova Iorque, do *Urban Dictionary* (www.urbandictionary.com). Tanto para a *Aurélia* como para esses dicionários em que os falantes são os lexicógrafos, podemos pensar no que tem sido chamado de “linguística popular” ou “*folk linguistics*”. Tendo como base a tipologia proposta por Paveau (2018), localizei os lexicógrafos da *Aurélia*, dos quais sabemos que um dos dois é jornalista, entre o lugar de “cientista não-linguista” (como os historiadores que trabalham com linguagem, segundo o exemplo da autora) e o dos “falantes engajados, militantes ou apaixonados” “centrados na descrição e na intervenção” (Elias de Oliveira, 2022, p. 211).

8 O discurso racionalista dominante na ciência a partir da modernidade concebe o conhecimento como obtenção da verdade, a partir da *objetividade* teórico-metodológica, concebida no interior de uma divisão entre *subjetividade* e *objetividade* tidas como opostos polarizados, que não se encontram, não atravessam um ao outro. É como se a metodologia objetiva funcionasse como espelho do *objeto em si* e a *subjetividade*, por sua vez, fosse *individual* ou *peçoal*, ligada à vontade, emoção, situação etc. de cada um, características tomadas como se não se constituíssem nas relações sócio-históricas. Na posição materialista, *toda descrição já é interpretação*. O ‘mundo’ de que se fala não está pronto nem é capturado por um espelho na linguagem; há um encontro com o real da história, com os “pontos de impossível” que reclamam sentido ao real da língua em sua incompletude. Em contraposição ao racionalismo, a *objetividade material do interdiscurso* “reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (Pêcheux, 1975, p. 162).

- | Práticas de lexicografia crítica na sala de aula

Lexicografia crítica

O que proponho chamar de *lexicografia crítica*

[...] abrange obras lexicográficas que propõem um olhar não convencional sobre o que descrevem e sobre o dicionário, produzindo como efeito o questionamento dos objetos de saber, dos modos de construção do saber e da lexicografia tradicional. Dessa maneira, a lexicografia crítica intervém na relação entre falantes e línguas, abrindo a possibilidade de questionamento de sentidos, de saberes e de modos de fazer lexicográfico dominantes (Elias de Oliveira, 2022, p. 221).

Para ilustrar essa ideia, apresento brevemente a análise que fiz da *Aurélia, a dicionária da língua afiada* como dicionário crítico de língua. Lançada em 2006, *Aurélia* se apresenta já na contracapa como “o primeiro dicionário, ou melhor, a primeira dicionária publicada no Brasil que contempla a língua afiada do universo Gay” e propõe trazer uma “fala viva, coloquial e pulsante que ainda não chegou nos dicionários oficiais de nossa língua portuguesa. O movimento é de elaboração de um dicionário que inclui o que os “dicionários oficiais” excluem.

A intenção declarada na apresentação é “levantar o maior número possível de termos ligados de alguma forma à cultura gay e lésbica e reuni-los num volume que retrate seus usos mais comuns na prática da NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA!”. Nesse enunciado,

[...] as letras maiúsculas dão o recado: a língua dos falantes gays e lésbicas é também parte da “nossa língua portuguesa”. A *Aurélia* reivindica a legitimação desse vocabulário como parte da língua portuguesa, e por essa via a legitimação dos sujeitos falantes autoidentificados como parte do “universo Gay” ou da “cultura gay e lésbica” enquanto sujeitos que constroem a língua nacional e oficial dos países lusófonos, sobretudo o português do Brasil (Elias de Oliveira, 2022, p. 216-217).

Os lexicógrafos Angelo Vip e Fred Libi⁹, como já havia antecipado, se apresentam por pseudônimos, desconstruindo, assim, o lugar de autoridade de especialistas na língua

9 Fred Libi não revela seu nome civil; Angelo Vip é o pseudônimo do jornalista Victor Angelo. No programa *Provocações*, da TV Cultura, entrevistado por Antonio Abujamra, ele fala da *Aurélia*. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/videos/11236_antonio-abujamra-entrevista-o-jornalista-vitor-angelo-bloco-01.html. Acesso em: 23 jul. 2023.

descrita, projetado sobre os lexicógrafos. Os dois se apresentam por meio de histórias ficcionadas nas orelhas do livro; nelas, a homofobia é significada como presença em suas vidas – Fred Libi é apresentado como “gay de nascença” que teria se refugiado nos estudos “para entender melhor o mundo que o hostilizava”; Angelo Vip como alguém que teria sido “perseguido pela família por sua adoração excessiva à musa Carmen Miranda” e “internado em duas clínicas para recuperação de homossexuais”. *Aurélia* pode, então, ser interpretada como uma resposta à violência homofóbica.

A dicionária faz falar um discurso antimoralista; as imagens são liberadas de tabus de gênero e de orientação sexual – trazem práticas e fetiches sexuais, por exemplo; os verbetes, por sua vez,

[...] descrevem, por exemplo, órgãos e práticas sexuais [...] (pênis, vagina e sodomia, [...] *edi*, nicaô, *DP*, *suruba*, entre outras entradas); a relação com drogas legais e ilegais (como em *pudim*, *oxanã* e *nóia*); ações escatológicas (como em *nenar* e obrar); trapaças, desejos ruins e maledicências (como em *elza*, *vuduzar*, *xoxar* e *veneno*). Também encontramos na *Aurélia*, em menor quantidade, o que não é tabu; por exemplo, a comida (*ajeum*), o sentir-se perdido (*ocotô*), o sucesso (*abalar*, *abravananar*), a mudança positiva (*cair na real*). Tanto nos temas tabus quanto nos não-tabus, a dicionária fala de ações, partes do corpo, objetos e sentimentos próprios do humano (Elias de Oliveira, 2022, p. 219-220).

Ao repertoriar a língua do “universo Gay”, *Aurélia* registra elementos linguísticos ainda pouco abordados como objetos de conhecimento não só pela Lexicografia, mas pela Linguística como um todo. Além disso, incluir palavras tabus é também um gesto político que interroga o olhar da ciência linguística sobre as línguas e a linguagem humana. O gesto político da *Aurélia* questiona a legitimidade do moralismo como valor social.

Os dicionários críticos crescem na contemporaneidade¹⁰. Vou retomar brevemente mais um dicionário crítico de língua – o colombiano *Casa das estrelas* (2013), que nasce da vivência pedagógica de Javier Naranjo como professor de crianças entre 3 e 12 anos em

10 Quando propus a ideia de *lexicografia crítica*, em Elias de Oliveira (2022), me detive na análise da *Aurélia*, mas também passei por outras obras: os já mencionados em nota *Dicionário inFormal* e *Urban Dictionary*, o *Casa das estrelas*, que trarei brevemente aqui, e o *Indicionário do contemporâneo*. Este último não é um dicionário de língua, mas sim um “indicionário” feito por acadêmicos latino-americanos de Teoria Literária, cuja proposta é “discutir e levar a público um modo diverso e independente de discutir, de se posicionar, de propor e de pensar no interior dos chamados bancos universitários” para “intervir no mundo das ideias e das políticas estético-literárias do presente, entre vanguarda e instituição” (Pedrosa *et al.*, 2018, p. 13). A proposta é, então, explicitamente, uma intervenção crítica nas práticas de conhecimento.

- | Práticas de lexicografia crítica na sala de aula

escolas periféricas. Esse dicionário, que apresenta verbetes com definições formuladas pelas crianças, nos expõe às “diferenças no olhar que a infância, fora das prerrogativas do que se toma tradicionalmente como ‘definição lexicográfica’, permite significar” (Elias de Oliveira, 2022, p. 221). As entradas recebem definições de uma ou mais crianças; entre elas, vemos diferentes modos de definir e diferentes sentidos: *louco*, por exemplo, é “pessoa que se acha meio diferente do que é”, mas também “é como se a mente saísse de série”, ou “pessoa sentimental”, ou ainda “uma pessoa baixa de cabeça”. A polissemia trabalha nas definições das crianças.

Ao colocar as crianças no lugar de lexicógrafos,

Casa das estrelas torna visível nosso assujeitamento a discursos dominantes e a modos de definir que se projetam sobre os verbetes lexicográficos. A obra nos faz questionar a construção do conhecimento na escola e fora dela, a polissemia das palavras em relação à definição lexicográfica, e nos lembra da autoria possível na voz das crianças (Elias de Oliveira, 2022, p. 222).

Então que autoria podemos mobilizar na voz de estudantes universitários a partir de um projeto lexicográfico conjunto¹¹? É o que proponho trazer para reflexão a seguir, a partir da apresentação do primeiro projeto de dicionário crítico proposto durante a pandemia de covid-19.

Lexicografia crítica em sala de aula na quarentena

O *Dicionário coronário: linguagem em quarentena* foi realizado por turmas de Letras do diurno e do noturno no primeiro semestre de 2020¹². O nome brinca com o duplo sentido de *coronário*, tanto relativo ao corona vírus quanto aos nossos corações, afetados emocionalmente pelo momento pandêmico; *linguagem em quarentena* diz respeito aos novos modos de significar, tanto com palavras que surgiram com a pandemia como com palavras e expressões ressignificadas, como indicarão as entradas.

¹¹ A autoria é compreendida na AD como a produção de “um lugar de interpretação no meio dos outros”. “Porque assume sua posição de autor (se representa nesse lugar)”, o sujeito produz “um evento interpretativo” (Orlandi, 1996, p. 70).

¹² Cabe registrar que essa disciplina é oferecida no terceiro semestre do curso de Letras – português e que no primeiro semestre de 2020, mesmo com a passagem imediata para o ensino à distância, o cancelamento da matrícula nessa disciplina, por vezes feito junto com o cancelamento de outra(s) ou no interior do trancamento do curso, foi de mais de 30% dos alunos matriculados.

Na apresentação¹³, delineio a proposta:

Neste momento histórico que estamos vivendo, convidei os alunos a refletir sobre o léxico na pandemia: novas palavras técnicas, novos sentidos para palavras da língua comum, palavras que ganharam destaque neste momento da vida social. Sempre baseados em exemplos encontrados na internet, eles foram desafiados a dar visibilidade às mudanças de sentido a partir do acontecimento da pandemia. Convidei-os neste projeto a elaborar um único verbete, que trouxesse do formal a descrição fundamentada em exemplos das palavras nesse momento histórico e do informal a possibilidade de crítica social e de humor (quando possível!)¹⁴ (*Dicionário coronário: linguagem em quarentena*, Apresentação).

Os projetos lexicográficos têm sido propostos para realização em dupla, com o intuito de que os alunos experienciem a reflexão e a prática de atividades juntos; assim, tivemos um dicionário com 31 verbetes elaborados pelas duas turmas. As entradas podem ser divididas entre aquelas que indicam novas palavras morfológicas ou, mais frequentemente, novos sentidos pandêmicos para palavras e expressões correntes. Algumas se voltam para dizeres do então presidente da república, como *atleta, ciência, coqueiro, economia, e daí?, gripezinha, herói, ministério da saúde, negacionismo*; outras são relacionadas a transformações na rotina, como *abraço, auxílio emergencial, delivery, ensino à distância, home office, live, séries, shopping center, tiktok*; ou outras ligadas diretamente à questão sanitária, como *assintomático, cloroquina, covid-19, máscara, normalidade, quarentena, reabertura, teste, vacina, vírus*; ou ainda a percepções do momento, como *ansiedade, normalidade, tempo*. Trarei aqui como exemplo o verbete *ensino à distância*, que reflete sobre a sala de aula. Vamos ao verbete:

13 Finalmente, hoje, depois de alguns anos de experiência, tenho o projeto de publicar alguns desses dicionários no espaço de publicações do *site* do IEL; estou vendo a possibilidade. Atualmente, as produções são organizadas e trabalhadas como potenciais publicações, por isso sempre têm capa, sumário e apresentação, além de alguma elaboração visual; os alunos as recebem ao final do semestre. No caso desse dicionário, agradeço a Leonardo Schwartz Ribeiro e Michelle Gomes dos Santos, que atuaram no apoio didático, pelo cuidado com que me ajudaram na organização do volume.

14 Em uma reflexão anterior (Elias de Oliveira, 2014a), propus chamar de *informais* dicionários que convidam os sujeitos falantes a serem lexicógrafos e que admitem humor e ‘ficcionalidade’ crítica nas definições e nos exemplos. Os *formais* seriam os tradicionais. Quando iniciei o projeto de dicionários de gírias em 2013, pedia aos alunos que fizessem um verbete formal e um informal, para terem conta da diferença na escrita. Neste momento da pandemia, propunha a inspiração nos dois para a elaboração de um verbete crítico.

- | Práticas de lexicografia crítica na sala de aula

ENSINO À DISTÂNCIA

EN.SI.NO À DIS.TÂN.CI.A. var: *EaD*

1. *Substantivo masculino.* Método de ensino não-presencial, ministrado via internet, com o auxílio de tecnologias digitais. Essa modalidade já existia no Brasil, mas ganhou mais evidência após ser considerada uma medida emergencial em algumas instituições de ensino devido ao COVID-19. Antes da pandemia, o método era oferecido para cursos de graduação, pós-graduação, cursos técnicos e profissionalizantes, mas passou a ser oferecido também no ensino básico, fundamental e médio.

Imagem 1

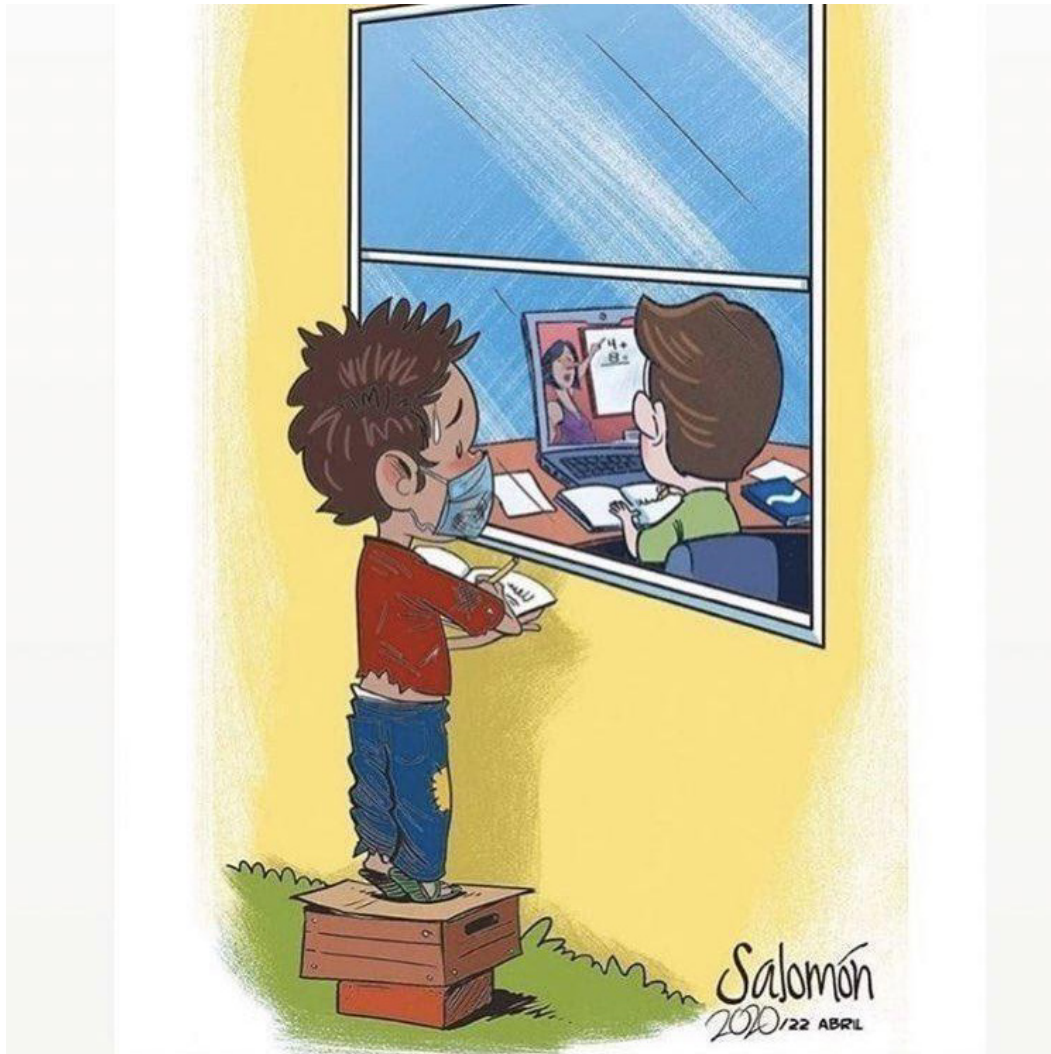
Diploma **EaD** é cada vez mais valorizado pelo mercado

Segundo um estudo realizado pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (Abmes), em 2023 serão mais alunos EaD do que no presencial. Mas será que o mercado de trabalho está preparado?

Fonte: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/especial-publicitario/unimar/noticia/2020/01/31/diploma-ead-e-cada-vez-mais-valorizado-pelo-mercado.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2020.

2. Método que evidenciou as desigualdades no ensino brasileiro. Pois, assim como o Brasil está longe de ser uma sociedade igualitária, está longe de oportunidades igualitárias de ensino.

Imagem 2



Fonte: <https://petletras.paginas.ufsc.br/2020/05/28/as-tecnologias-o-ensino-a-distancia-e-seus-desafios/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

3. Medida que exigiu dos professores multifuncionalidades, como se tornarem youtubers, editores de vídeo, e peritos em conhecimentos avançados sobre o uso de tecnologias. Se antes da pandemia o professor não tinha tempo livre e remuneração justa, agora precisa se desdobrar para oferecer um ensino de qualidade e se adaptar às dificuldades dessa medida emergencial;

Imagem 3



Fonte: <http://grooeland.blogspot.com/2020/04/pandemia-e-educacao-distancia-faz-de.html?m=1>. Acesso em: 19 jul. 2020.

4. Conhecido como ensino à distância pelo fato de os alunos estarem distantes de aprender alguma coisa de forma eficaz.

Imagem 4



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CCV9qBpFRSk/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

AUTORAS:

Nathália Cristina Melo de Farias
Eduarda Pereira Evaristo

O verbete *ensino à distância* apresenta quatro definições. Elas partem de exemplos de uso encontrados em textos de informação ou de opinião publicados na internet ou em postagens nas redes sociais. Os exemplos são sempre copiados no verbete, com a indicação de onde foram retirados e de quando foram publicados e consultados. Eles incluem textos e imagens. Essas alunas lexicógrafas apresentam, no corpo do verbete, a divisão silábica do nome composto e a sigla que o substitui – EaD. Como é solicitado a todos, elas apresentam categoria lexical e gênero; nem sempre a categoria lexical da entrada é uma só, e nem sempre é evidente, por isso sua explicitação faz parte do exercício do olhar sobre a língua.

O primeiro enunciado definidor lembra um dicionário tradicional: “método de ensino não-presencial, ministrado via internet, com o auxílio de tecnologias digitais”; ao lado do enunciado definidor, o comentário sobre o momento pandêmico: “essa modalidade já existia no Brasil, mas ganhou mais evidência após ser considerada uma medida emergencial em algumas instituições de ensino devido ao COVID-19”. O comentário prossegue, com a comparação entre o antes da pandemia e o momento contemporâneo à escrita do verbete: “antes da pandemia, o método era oferecido para cursos de graduação, pós-graduação, cursos técnicos e profissionalizantes, mas passou a ser oferecido também no ensino básico, fundamental e médio”. O exemplo é um recorte de um *site* de notícias jornalísticas (G1) que tematiza a valorização do diploma EaD pelo mercado de trabalho, ao mesmo tempo que questiona a preparação do mercado para essa mudança.

A segunda definição faz uma crítica social já no enunciado definidor: “método que evidenciou as desigualdades no ensino brasileiro”, pela qual denuncia, em nosso país, a quebra do princípio básico da ética das democracias modernas – a igualdade. A explicação que segue o enunciado definidor relaciona os problemas no ensino à ampla desigualdade em nosso país: “pois, assim como o Brasil está longe de ser uma sociedade igualitária, está longe de oportunidades igualitárias de ensino”. O exemplo é uma charge postada em um *site* universitário: um menino pobre de máscara, de pé sobre um apoio improvisado, olha com tristeza para dentro da janela de outro, de melhor classe social, assistindo a uma aula pelo computador. Segurando algo como um caderno, ele tenta assistir de fora à aula à qual não tem acesso.

A terceira definição critica a demanda feita aos professores na pandemia com a passagem para o EaD: “medida que exigiu dos professores multifuncionalidades, como se tornarem youtubers, editores de vídeo, e peritos em conhecimentos avançados sobre o uso de tecnologias”. Um comentário amplia a crítica, relacionando-a às condições de trabalho do professor no país: “se antes da pandemia o professor não tinha tempo livre e remuneração justa, agora precisa se desdobrar para oferecer um ensino de qualidade e se adaptar às dificuldades dessa medida emergencial”. O exemplo, retirado de um *blogspot*, traz a imagem de uma criança em frente a um *laptop*, insatisfeita, mal-humorada, reclamando do trabalho da professora ao falar por telefone com ela; a mãe da criança reclama a falta da filha, que estaria muito ocupada com o EAD.

A quarta definição é a mais livre em relação à forma – não há nem mesmo um hiperônimo categorizador. A crítica é jocosa, brinca com o nome “ensino à distância”: “conhecido como ensino à distância pelo fato de os alunos estarem distantes de aprender alguma coisa de forma eficaz”. O ensino à distância, então, segundo a crítica, não ensina,

ou pelo menos ensina mal. O exemplo, também jocoso, é uma postagem no Instagram que traz a imagem de uma mulher carregando uma bolsa bem menor que sua mão. A postagem afirma: “eu voltando para as aulas presenciais com tudo que aprendi no EaD”; ao lado, a imagem de uma bolsa.

Como na lexicografia crítica que vemos em projetos concluídos e publicados, a elaboração de um verbete em um projeto de dicionário de língua crítico concebido para a sala de aula, como podemos observar nesse exemplo, assume o dicionário como um lugar de reflexão e de manifestação de um olhar atento à divisão política dos sentidos da língua e a sua inscrição nas relações sociais. A entrada *ensino à distância* é um nome que identifica um processo de ensino intensificado na pandemia. No verbete, a posição-sujeito democrática sustenta a crítica à desigualdade social e ao seu agravamento na pandemia, do qual as condições para a realização do ensino à distância são um indicador. A crítica social se apoia e encontra eco em postagens na internet e nas redes sociais.

Um caminho de reflexão sobre a linguagem e a(s) língua(s)

Como afirma Orlandi (1986, p. 25), “o estudo da linguagem não pode, nessa perspectiva que adotamos, estar apartado da sociedade que a produz”. É essa tomada de posição que funda meu olhar sobre o dicionário, sobre a palavra, sobre a língua, sobre a enunciação, sobre o ensino da linguagem. Benveniste (1958, p. 286) afirma que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*”. Se levarmos a sério essa afirmação, o ensino da linguagem deve trazer para a compreensão do funcionamento das línguas essa relação constitutiva.

Se voltamos ao Saussure do *Curso de Linguística Geral* (CLG, 1916), que toma a língua, e não a linguagem, como objeto da “linguística propriamente dita”, e o faz a partir da divisão da linguagem entre a língua como parte essencial (e por isso autônoma) e a fala como parte secundária, constatamos que ele afirma, contraditoriamente, sobre a relação entre elas, que “sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente” ou ainda, que “é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é, ao mesmo tempo, o instrumento e o produto desta” (Saussure, 1916, p. 27).

Atravessado por essa contradição, o corte dicotômico do objeto da Linguística apaga a necessidade do olhar sobre a subjetividade na linguagem; esta é projetada sobre a fala enquanto parte individual e secundária da linguagem, e sobre a língua enquanto parte essencial e “social em sua essência”. A língua é tomada como abstração psíquica, o

- | Práticas de lexicografia crítica na sala de aula

que permite um olhar homogeneizador sobre ela. Vale lembrar a analogia entre a língua e o dicionário, este homogeneizado como um conjunto de exemplares idênticos repartidos entre os indivíduos: “a língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (Saussure, 1916, p. 27).

Diferentemente do Saussure do CLG, Benveniste (1958, p. 287), no olhar sobre a subjetividade na linguagem, se opõe “às velhas antinomias do ‘eu’ e o ‘outro’, do indivíduo e da sociedade”. Para ele, “é numa realidade dialética que englobe os dois termos e os define pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade”. É numa direção aproximada, fundada no materialismo histórico, que a AD concebe a relação contraditória entre indivíduo e sociedade, constituída no funcionamento ideológico da linguagem. O verbete do *Dicionário Coronário* nos permitiu observar a divisão política dos sentidos entre a posição-sujeito democrática que o sustenta e outra, antidemocrática, que se materializa na promoção da desigualdade social.

No espaço de enunciação do Brasil, a produção de dicionários críticos de língua questiona o imaginário do dicionário de língua portuguesa como lugar de conhecimento inquestionável e de normatividade sobre o léxico. Na mesma direção, o exercício da lexicografia crítica pelos linguistas e professores de língua em formação pode possibilitar ou mesmo fomentar a leitura ativa dos dicionários, a reflexão e a escrita autoral sobre a língua e, finalmente, um olhar sobre si e sobre o outro atravessado pela compreensão de que “o fundamento da subjetividade está no exercício da língua” (Benveniste, 1958, p. 288), para então refletir sobre a constituição e os modos de realização desse exercício.

Referências

- BENVENISTE, E. (1958) Da subjetividade na linguagem. *In*: BENVENISTE, E. (1966) **Problemas de linguística geral I**. 3. ed. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP, 1991. p. 284-293.
- ELIAS DE OLIVEIRA, S. A língua afiada da *Aurélia*. **Revista Ecos**, v. 32, ano 19, n. 1, p. 211-226, 2022.
- ELIAS DE OLIVEIRA, S. Sobre o funcionamento do político na linguagem. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 34, p. 41-53, jul./dez. 2014.
- ELIAS DE OLIVEIRA, S. O Dicionário inFormal e a relação do falante com a língua. **Revista da ANPOLL**, n. 37, p. 262-272, 2014a.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

NARANJO, J. **Casa das estrelas**: o universo contado pelas crianças. Tradução Carla Branco. Rio de Janeiro: Foz, 2013.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. São Paulo: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1992].

ORLANDI, E. P. Para quem é o discurso pedagógico? *In*: ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 2001 [1986].

PAVEAU, M.-A. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. **Policromias**, ano III, p. 21-45, dez. 2018.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995 [1975].

PEDROSA, C.; KLINGER, D.; WOLFF, J.; CÁMARA, M. (org.). **Indiccionário do contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

VIP, A.; LIBI, F. **Aurélia, a dicionária da línguaafiada**. São Paulo: Editora da Bispa, 2006.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: OLIVEIRA, Sheila Elias de. Práticas de lexicografia crítica na sala de aula. **Revista do GEL**, v. 20, n. 3, p. 103-119, 2023. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 09/08/2023 | Aceito em: 16/10/2023.
